

Andanças
para a
LIBERDADE

COLECÇÃO PALAVRAS COM HISTÓRIA
SEGUNDA SÉRIE • 5

Título

Andanças para a Liberdade
Volume II: 1961-1974

Autor

Camilo Mortágua

Direitos Reservados

© Esfera do Caos Editores e Autor

Design da capa

DesignGlow

Impressão e Acabamento

CEM Artes Gráficas

Depósito Legal

XXXXXX/13

ISBN

978-989-680-093-2

1ª Edição: Julho de 2013

ESFERA DO CAOS EDITORES

Campo Grande

Apartado 52199

1721-501 Lisboa

esfera.do.caos@netvisao.pt

www.esferadocaos.pt

CAMILO
MORTÁGUA

*Andanças
para a*
LIBERDADE

VOLUME II 1961-1974



ESFERA DO CAOS
EDITORES

Há palavras que devem ser repetidas
Em todas as ocasiões

Fazer sermões sobre a liberdade,
sem se implicar no esforço de estabelecer
as condições prévias à responsabilidade
da sua prática quotidiana,
leva-nos ao fascismo

Wilhelm Reich

à memória de

Palma Inácio

Henrique Galvão

António J. Matias

Daniel Teixeira (David)

Rosa Soskin

Humberto Delgado

Arajair Campos

e de todos os outros

de todas as organizações

lutadores pela mesma causa

que, na memória dos companheiros,

“da lei da morte se libertaram”.

Agradecimentos

À ADRACES, ao António e à Teresa e a toda a equipa: sem eles este trabalho não teria sido possível.

Aos companheiros que me ajudaram a descascar a “cebola” da minha memória.

Às mulheres da minha família, pelas minhas ausências e impertinências.

À Eduarda e ao Francisco, pelas intermináveis horas que lhes roubei com a “trabalhera” de limpar este texto das suas incorrecções.

“andanças”

Volume II

1961-1974

A Liberdade só é perigosa
para quem a defende...
digo eu.

Índice

Primeira parte

Do Recife a Tânger	19
0. Avivando a memória	19
1. Sobre o “descascar da cebola”	19
2. Ainda o Santa Maria	21
3. As andanças brasileiras	35
4. Palma Inácio	40
5. Galvão / Delgado: razões do desentendimento	41
6. Alguns apontamentos desse tempo	43
7. Reaparece o colectivo de auto-análise comportamental	46
8. Goiabada para Salazar	47
9. Preparando novas batalhas: quando os “comandantes” não se entendem	48
10. Setembro de 1961. Voando para Roma	50
APÊNDICES	55

Segunda parte

De Tânger ao Rio de Janeiro – Operação VAGÔ – 1961	63
11. Tânger, e Portugal que já foi aqui mesmo!	63
12. Entre Gato e Rato: As Grandes Manobras	68
13. A operação Vagô ou D. Sebastião	71
14. Depois do “espectáculo”, regresso a bastidores	80
15. Não há mal que sempre dure...	84
16. Adeus Marrocos	86
17. Dakar... 13 anos antes, mais uma oportunidade perdida	87
18. Brasil... Brasil... Quanto mais para ti corro, mais me bates!	92
19. Nem só a canção, também as cuecas podem ser uma arma	94
20. Ilha das Flores, Baía da Guanabara	95
APÊNDICES	98

Terceira parte

O grande intervalo – Brasil

Novembro de 1961 a Agosto de 1965 113

- 21. Ilha das Flores. Sempre que puder, voltarei 113
- 22. Voando para Belo Horizonte 114
- 23. Chegam notícias 117
- 24. Vera Cruz: que amor de comboio! 119
- 25. Lá se vai Goa 120
- 26. Finalmente “asilados e livres” 120
- 27. Os anos cinzentos: oposições e contradições 121
- 28. Os pelicanos atacam 124
- 29. Galvão, alternativa a Salazar? 128
- 30. Galvão e a questão colonial 129
- 31. O fim da festa brasileira 130
- 32. Preparando novos voos 132
- APÊNDICES 136

Quarta parte

À descoberta de Paris

Agosto de 1965 a Janeiro de 1967 143

- 33. No princípio tinha de ser o “verbo”! 143
- 34. Paris, Porte Clichy 146
- 35. As grafonolas Jukeboxs dos bistrôs dos anos 60 148
- 36. Com Zola na cabeça, disse não 149
- 37. “Trapezista” profissional 150
- 38. As noites duras dos bancos da SNCF 152
- 39. Fartura com lágrimas 153
- 40. Garges-Sarcelles, a minha Sibéria 154
- 41. Le Guichet, da cama até ao comboio, sempre a descer 155
- 42. Fabricante de laxantes e desinfetantes 157
- 43. Jardineiro da Alta Burguesia Parisiense
– Contemplando a classe operária 159
- 44. Quinze anos depois, o primeiro “salto”
para dentro: a mala de Moreanes 161
- 45. Bem-vindo Comandante 165

Quinta parte	
Operação Mondego	167
46. Operação Mondego	167
Sexta parte	
Nasce a LUAR	181
47. Advertência	181
48. Usurpação e comentários à margem	183
49. “O bando dos quatro”	185
Sétima parte	
A recta final, rumo à LIBERDADE	191
50. Israel: as “fisgas”, os “serviços”, as utópicas ilhas socialistas	191
51. Tempo incerto	195
52. A boa nova	198
53. Recomeçar... em 68	199
54. O Pássaro	203
55. O famigerado “Conselho Superior”	204
56. A Caparica (Outubro de 68 a Fevereiro de 69)	205
57. Oito de Maio de 1969: a última fuga	211
58. A sífilis das luzes amarelas, a caminho de Hamburgo	213
59. Enquanto se espera, uma nova profissão	214
60. Do terreno de jogo para o banco	217
61. A festa do regresso	218
 O INCRÍVEL “DESPACHO 18”	 223

Primeira parte

Do Recife a Tânger

0. *Avivando a memória*

Assim terminava o primeiro volume:

“Avistámos hoje luzes da costa brasileira. O Santa Maria, como eu e os companheiros, cá andamos nestas andanças, para trás e para à frente, ao largo do Recife, a umas cinquenta milhas, à espera da visita do Contra-almirante Smith e do inevitável desembarque em Recife.

As próximas andanças hão-de levar-nos de volta a Lisboa e à Liberdade. Ao contrário destas, serão menos as minhas e mais as nossas, as dos companheiros, de gente comum em luta pela Liberdade, esperando dela, e tão só, todas as recompensas.

E pronto, por aqui tenho que interromper. Era sábado, 28 de Janeiro de 1961, e acabava de ser convocado pelo meu ‘colectivo de auto-análise comportamental’ para uma reflexão retrospectiva aos vinte e sete anos de vida em comum, que amanhã, como me recordaram, se completavam, a bordo deste Santa Liberdade, de onde sairei rumo à Avenida do mesmo nome, por muito que demore a lá chegar.”

1. *Sobre o “descascar da cebola”*

Os leitores do primeiro volume destas *Andanças para a Liberdade*, lembrar-se-ão certamente da referência feita ao livro autobiográfico do Prémio Nobel da Literatura, Günter Grass, intitulado *Descascando a cebola*, por analogia com o acto de “descascar” a memória, “camada a camada”, sem poder conter as emoções e por vezes as lágrimas tristes ou alegres, vaidosas e enaltecedoras do ego, ou profundamente dolorosas e deprimentes, segundo a situação que a memória nos projecte para o presente.

A “cebola” que continuarei a descascar neste segundo volume apresenta-se-me de muito mais difícil manuseio.

Composta de camadas mais finas, que, por serem mais recentes, por vezes se interpenetram criando entre si labirintos intemporais de duvidoso relacionamento.

Cada esforço para penetrar mais nitidamente na “camada seguinte” faz espirrar lágrimas diluentes da nitidez das imagens que pretendo reviver.

Como não é meu propósito oferecer-vos fidedignos e circunstanciados relatos históricos, mas apenas contar-vos o que a minha “cebola/memória” foi capaz de registar e pôde guardar a mais de meio século de distância, hoje só vos posso narrar o que ficou impressionado, tal como ficou e tal como resistiu à erosão dos “ajustes” provocados por tudo quanto tem sido dito e escrito sobre “andanças” outras, de outros personagens mais importantes e mediáticos.

Porque se trata das minhas “andanças” aqui não encontrarão os relatos dos “feitos históricos” e politicamente importantes dos grandes líderes políticos das lutas pela Liberdade e pela democracia no nosso país, com quem me cruzei.

Aqui não encontrarão nem o relato nem a macro-análise política e comportamental dos “feitos dos heróis” sobre os quais se vêm debruçando (embora tarde e escassamente) alguns louváveis investigadores da nossa história contemporânea.

Aqui, pretendo contar histórias simples de pessoas que, como eu, simplesmente, sem ambições de poderes outros que os da satisfação própria de se sentirem em harmonia com os ditames da sua consciência, quiseram contribuir com a sua acção para a própria Liberdade pessoal e para a do seu Povo, atitude que só ganhou excepionalidade por ser rara...

De tão rara, que muitos a chamaram de aventureira, própria de gente terra-a-terra, gente de pouca capacidade reflexiva, gente sem grandes conhecimentos das “relações de poder”.

De pouca importância ou não, porque outro tempo não terei, com lágrimas ou irreverentes risadas, direi aquilo que sempre desejei dizer, tentando blindar o meu espírito a todas as influências instigadoras de “actualização/correccão” da compreensão original dos acontecimentos.

As menções de nomes e a sua ligação a certos factos e atitudes não devem ser interpretadas como acusações ou julgamentos devidamente

fundamentados, pois não passam de impressões ou convicções pessoais forjadas nos contextos específicos da luta clandestina, prenhe de tensões e desconfianças, felizmente nem sempre confirmadas. São simples opiniões, que independentemente da sua colagem à realidade, ou não, são as que orientaram o sentido das minhas andanças.

2. *Ainda o Santa Maria*

Aos 27, aniversário a bordo do Santa Liberdade.

29 de Janeiro de 1961. Este sim... era um domingo luminoso! Um fim de tarde cinematográfico.

Céu sem nuvens, sol a pôr-se num mar calmo azul celeste pintalgado de faíscas de branca espuma, um ou outro pássaro esvoaçando em busca de abrigo para a noite, o Santa Liberdade a baloiçar muito docemente, quase tão quieto como se estivesse ancorado no Cais de Alcântara, quieto mas livre, em águas internacionais, uma meia centena de milhas ao largo do Recife.

Reunidos à proa num canto do deck superior (eu e os inseparáveis companheiros do meu “colectivo de auto-análise comportamental” – CAAC¹) desfrutávamos da leve brisa que até nós trazia os acordes e as palavras da canção que amenizou os nossos dias de incertezas e encantou os animados bailes deste que foi, para a maioria dos passageiros, um inesperado e emocionante cruzeiro e, para os mais românticos e ousados, apesar do imprevisto, uma inesquecível viagem no “barco do amor”.

Este samba canção, que passou a ser uma espécie de hino-símbolo da claridade e pureza das razões da nossa luta, santo-e-senha da íntima e por vezes inconfessada cumplicidade solidária da maioria, com a nossa causa, era a nossa canção. A sublimação ternurenta de todas as diferenças.

Dançava-se alegremente no grande salão do Santa Liberdade, e chegavam-nos bem perceptíveis os acordes e as palavras da “nossa canção”, a canção “hino”, maioritária e espontaneamente escolhida para celebrar o amor e a alegria reinantes naquela situação de conflito.

Hoje eu quero a rosa mais linda que houver
E a primeira estrela que vier
Para enfeitar a noite do meu bem

¹ O Come e Cala, o Batata, o Zé Ninguém, constituintes do imaginado CAAC e protagonistas do primeiro volume das *Andanças para a Liberdade*.

Hoje eu quero a paz de criança dormindo
E o abandono de flores se abrindo
Para enfeitar a noite do meu bem

Quero a alegria de um barco voltando
Quero a ternura de mãos se encontrando
Para enfeitar a noite do meu bem

Ah! Como este bem demorou a chegar!

Coisa insólita, no meu interior, a uníssonos, os membros do meu “colectivo de auto-análise comportamental – CAAC” murmuravam embevecidamente e em coro, as estrofes da canção de Dolores Duran.

Até o Batata, sempre taciturno, se deixou contagiar pela magia desse entardecer, esquecendo-se da urgência com que nos tinha imperativamente imposto a necessidade deste plenário de balanço, em dia de aniversário.

Apesar do seu enlevo, foi o primeiro a reagir.

Bem, já chega... vamos mas é procurar os enfeites das noites que hão-de vir para nós, depois desta porra acabar.

Sentado junto ao vértice da proa, bem em face ao grande pano onde se lia *Santa Liberdade* dispus-me a ouvir as razões da convocatória que a tanto custo tinha conseguido adiar da noite anterior.

Alongado numa daquelas cadeiras de repouso que um passageiro por ali deixara, mãos atrás da nuca, contemplando o infinito onde timidamente começavam a piscar estrelas, dispus-me a ouvir as razões da tão enfatizada convocatória.

Timidamente (o Come e Cala parecia alhear-se do assunto...), o Zé Ninguém continha a muito custo a impaciência, parecia adivinhar as intenções do Batata e afiava antecipadamente argumentos capazes de aniquilar aquele chato. O Batata, esse, de peito inchado (salvo seja), exibia um ar solene e sério... e ali ficámos em silêncio por largos minutos, não posso precisar quantos, cada um a mergulhar nas profundezas do nosso passado comum.

Surpresa! Foi o Come e Cala que iniciou a conversa:

Cá por mim, só sei que estamos a 29 de Janeiro, que hoje é domingo, e que completamos hoje 27 anos embrulhados neste corpo que nos arrasta por onde bem quer e lhe apetece, sem jamais nos ser dada vez e voz para decidir dos passos seguintes. Isto tem que acabar. Vocês têm que reconhecer que sou eu o mais velho... quando vocês apareceram já eu tinha feito a primeira

grande viagem e andado de canastra, a partir de agora, ou me reconhecem como líder deste colectivo ou demito-me... desapareço... volto para Ul.

Estou contigo – disse logo o Batata. – Temos que voltar à terra.

Responde acutilante e irónico o Zé Ninguém:

Anjinhos de merda, claro que temos que voltar a terra, se calhar já amanhã ou depois. Para que terras querem voltar? Lá p'ra nossa? Inocentinhos... vão, vão! Mal ponham por lá o pé, arranjam-vos logo hotel! Seus pacóvios apardalados... acabou-se... ouviram bem? A c a b o u - s e! Como Pizarro, queimamos as pontes, a partir de agora nem que fiquemos ricos... já não vale a pena juntar dinheiro para voltar como era o vosso sonho, a partir de agora, estamos feitos... ou nós ou eles, já não cabemos lá todos, metam isso na vossa cabecinha de matarruanos... se pensavam que tínhamos chegado à meta, desenganem-se; isto foi só um belo ensaio, a primeira etapa duma corrida com muitas etapas, uma caminhada longa de medo e coragem rumo à Liberdade, talvez inalcançável.

Verborreias – insistia o Come e Cala –, continuam na mesma. Têm que me ouvir. Ainda não responderam, reconhecem ou não que sou o mais velho.

Mas que conversa é esta – dizia o Zé Ninguém – claro que reconhecemos que és o mais velho. Tu és o mais velho e eu quase sou o mais novo, isso é um facto, mas somos apenas uma parte de nós, aqui quem lidera é o todo, não uma parte, cada um de nós é uma parte da liderança, estou a ver que ainda não estás preparado para perceber as razões porque andamos nesta vida! Bolas para ti.

Vamos lá a acabar com o palavreado – replica o Come e Cala. – Esta reunião é justamente para que cheguemos a acordo sobre o nosso futuro imediato e não para nos entretermos com joguinhos de palavras.

Arfando de ansiedade, continua:

Cá por mim, começo a perceber que é difícil e muito perigoso querer separar o bem do mal. Pelo menos em termos de opinião geral. Sejam os objectivos, pelo que se vê, estamos em minoria, somos poucos a querer praticar o “bem de cada dia”. Pelo que vejo, andam por aí muitos surdos-mudos fazendo discretos trejeitos faciais a insinuar “serem dos nossos” mas sem palavra ou gesto aberto que os possam comprometer aos olhos dos vigilantes da tirania. Cá por mim, até posso não ser lá muito esperto para julgar sobre o que desconheço, que é muito, mas ninguém me passa a perna no discernimento do bem e do mal em relação ao que nos rodeia e com que mais intimamente nos relacionamos. Justamente por isso é que devo confes-

sar que ando um pouco baralhado. Andamos p'ráqui para trás e para diante, sem saber muito bem porquê, com uma liderança que tudo decide sem nos consultar, civis a serem tratados como militares, bem sei que é preciso disciplina para haver ordem e eficácia na acção, mas tem que ser a disciplina que nós próprios consintamos e aprovemos, estou farto de ser o Come e Cala, de “comer e calar”. Não estou nada certo de que aquilo que nos contam corresponda à verdade dos factos, e que nos sejam dados todos os dados da situação para que possamos fundamentar as nossas opiniões. Temos de ter em consideração que as consequências daquilo que conjuntamente fazemos, não são menores para os comandados, pelo facto de estarem menos informados que os comandantes. A chave para nós tem de ser a do bom senso e a da nossa capacidade de avaliar o bem e o mal. Temos de nos meter de acordo para encontrar a maneira de optar seguramente pelo bem de cada situação. Só isso nos manterá como corpo uno e inteiro, forte e invencível.

O Zé Ninguém, risonho e aos saltinhos:

Olha, olha, essa agora! Então não querem lá ver... que o nosso Come e Cala se revela finalmente?! Porra, até que enfim que assumes os vaticínios do Dr. Figueiredo ao ouvir as tuas “risadas” à nascença! Segundo ele, tinha nascido um menino capaz de enfraquecer os poderes dos tiranos, um novo Zaratustra! Salve! Aqui me tens, pronto a reconhecer a tua nova condição e a fazer fé nas palavras do Dr. Figueiredo sobre o teu destino. Por mim, é tempo de te rebaptizar, tens razão, chega de Come e Cala! Eu, o Zé Ninguém teu filho e irmão nesta trindade una e indivisível que inclui o nosso Batatinha, na expectativa de te ver cumprir o prometido destino sem desfalecimentos nem fraquezas, te nomeio o nosso... Ulisseo. Ulisseo, porque és de Ul e como o outro andas viajando aventurosamente à procura de Lisboa... passas a chamar-te Ulisseo.

O Batata, de mãos juntas viradas para o céu, sacudindo a cabeça e de olhos muito abertos:

Oh! Deus... Oh enguias do Antuã, oh... venerando Salça da minha infância, ajudai-me, vinde em meu auxílio neste momento decisivo em que se esvanecem todas as hipóteses de voltar a ver as marinhas de Salreu! Cá fico eu em minoria, sujeito às andanças utópicas destes dois Quixotescos tresloucados que ainda não se deram conta que os “nossos moinhos” não são de vento, não são imaginários, são fortalezas reais onde se tortura e mata.

Ripostava o Zé Ninguém: